



CONHEÇA SEU
PROFESSOR

RICARDO FARIA GIGLIO



É professor Adjunto do Departamento de Engenharia de Produção e Sistemas da Universidade Federal de Santa Catarina (EPS/UFSC). Doutorado em Economia Quantitativa (Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Alemanha). Mestrado em Economia (Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC). Graduação em Economia (Universidade de São Paulo, USP) e em Administração Pública (Fundação Getulio Vargas, EAESP/FGV). Áreas de interesse: modelos baseados em agentes, redes corporativas, risco sistêmico.

Por que escolheu a engenharia?

Não sou engenheiro, então não escolhi a engenharia. Entrei na engenharia de produção na área de engenharia econômica como economista. Sou formado em economia e todos os projetos que faço na engenharia de produção são nessa área de engenharia econômica. Estou bem mais feliz do que se estivesse na economia, a engenharia é um terreno muito mais fértil do que a economia.

O que mais te encanta na Engenharia de Produção?

Eu gosto do caráter prático da coisa, uma coisa é uma máquina funcionar bem e outra coisa é você colocar 1000 máquinas para funcionar bem juntas. Eu gosto muito dessa área que lida com o capitalismo. Gosto muito de PO.

E por que escolheu ser professor?

Eu lembro de no colegial gostava de matemática, tinha os amigos que precisavam de ajuda e eu me realizava ajudando eles. Escolhi ser professor antes de ser economista. Escolhi economia por que gostava de matemática e política.



CONHEÇA SEU PROFESSOR

Para você, o que é mais gratificante na sua profissão?

Eu acho muito legal participar do processo de formação de seres humanos. Eu mesmo estando a 2 anos só estou acompanhando a evolução de alguns alunos e é muito gratificante vê-los evoluindo.

E quais as dificuldades que enfrenta no dia a dia?

Eu tenho gostado muito do departamento, eu tenho liberdade para fazer as coisas que eu quero, para envolver as empresas que eu conheço, liberdade para envolver os alunos nos projetos. Claro que excesso de liberdade pode causar problemas mas aqui está com uma cultura muito boa, não temos limitações e somos bem abertos para falar com o chefe e realizar nossas ideias.

Qual conselho você daria para quem planeja seguir essa carreira?

É difícil, o grande problema é que você tem que investir tanto tempo da sua vida, como um doutorado que acaba não tendo contato com o mundo fora do mundo acadêmico. No meu caso eu trabalhava em empresas e surgiu a vaga, o risco é que você pode ficar um tempo parado e longe da indústria buscando apenas a vaga de professor. Não se envolva apenas com a academia, tente se envolver com a indústria. Na Alemanha por exemplo eles fazem o doutorado e trabalham, lá empresas financiam para os empregados realizarem o doutorado. Lá é muito comum as pessoas realizarem doutorado e continuarem na indústria, não indo para o meio acadêmico. Se você tiver a possibilidade de conversar com a empresa para realizar o doutorado e continuar na indústria é o ideal.

Como é sua relação com seus alunos?

Eu não sei, não consegui colher muitos feedbacks ainda. Vai por disciplina, tem algumas que dão mais certo tem umas que não. Tem alunos que tem gostado muito, normalmente os que gostam já da área de programação, e tem outros que não. Mas eu ainda não sei por que não recebo muitas reclamações e elogios por enquanto.

O que você espera de um aluno seu em sala de aula?

Idealmente esperaria dedicação e motivação, o professor espera inspirar as pessoas a ficarem curiosas e irem em busca do conhecimento. Eu não espero que o aluno fique lá esperando o conhecimento. Se o aluno não tiver motivação ele não reage aos estímulos. Eu gosto mesmo quando o aluno é motivado e interage comigo.



CONHEÇA SEU PROFESSOR

Como o mercado recebe o profissional de engenharia de produção formado pela UFSC?

Eu conheço apenas a indústria de Software de Florianópolis, e vejo um potencial gigante que não está sendo utilizado. A indústria só vê o engenheiro de produção como gestor de Projetos mas falta ver a grande capacidade dos engenheiros de produção, falta a engenharia de produção mostrar que os alunos podem trabalhar nas outras áreas (tecnologia), falta uma mudança que leve os alunos para a área da programação, tecnologia, métodos etc.

Como foi sua experiência na faculdade? Que tipo de aluno você costumava ser?

Eu entendo um pouco o pessoal que não é tão motivado. Eu fiz 2 faculdades ao mesmo tempo de manhã e a noite e em algumas épocas eu trabalhava a tarde. Eu fiz uma particular e uma pública, na particular eu me dedicava ao máximo pois estava pagando e na pública demorei mais por conta disso. Não fui o aluno que eu gostaria de ter mas no mestrado eu consegui me dedicar plenamente e fui bem melhor.

Algo de que se orgulha?

Meus filhos, tenho dois filhos, é o que mais me orgulho.

Como é você fora da universidade?

Eu acho que não é muito diferente não, eu incomodo as pessoas com assuntos técnicos toda hora. Eu não diferencio tanto a minha vida profissional da pessoal, claro que sei diferenciar com meus filhos etc. Meu hobbie, eu gosto muito e passo muito tempo lendo determinados assuntos. Eu vim parar em Florianópolis por conta de querer uma cidade mais calma, etc, por motivos pessoais mesmo.

Filme e livro favorito?

Filme: Waking life.

Livro: Godel, Escher e Bach: An Eternal Golden Bird, ele junta música, desenho e matemática. Tem uma pegada de ciências da computação.

Um ídolo?

Linus Torvald, admiro o que ele fez pelo mundo na perspectiva técnica, ele como pessoa eu não admiro. Ele que criou o Linux, escreveu o Git em uma semana. Ele inventou o Linux e não ficou rico, ele deu de graça para a humanidade, o que foi muito legal. Essa empreitada pelo software livre que eu gosto muito dele.



Uma frase que você gosta?

Creation seems to come out of imperfection. It seems to come out of a striving and a frustration, and I think this is where language came from. I mean, it came from our desire to transcend our isolation and have some sort of connection with one another. And it had to be easy when it was just simple survival; like, 'water' or 'sabre-tooth tiger right behind you' – we came up with a sound for that. But what I think is really interesting is how we use the same symbols to communicate the abstract, intangible things that we're experiencing. Like, what is frustration? Or what is anger, or love? When I say 'love', the sound comes out of my mouth and hits the other person's ear, travels through this byzantine conduit in their brain, through their memories of love—or lack of love—and they register what I am saying and they say yes, they understand. But how do I know they understand? Because words are inert. They're just symbols. They're dead. And so much of our experience is intangible. So much of what we perceive can not be expressed; it's unspeakable. And yet, when we communicate with one another, and we feel that we have connected and we think we're understood, I think we have a feeling of almost spiritual communion. And I think that feeling might be transceived, but I think it's what we live for.

Richard Linklater - Waking life

Você acha que todo aluno precisa saber programar?

Acho que todo aluno precisa ter uma noção de software mesmo que não vá trabalhar com isso. Nos EUA e Alemanha eles já ensinam programação para crianças. Cada vez mais programação é algo do dia a dia, acho um absurdo ainda discutirem sobre ensinar a programação na engenharia. Todo mundo no mundo deveria saber um pouquinho.